

CINEMATECA PORTUGUESA—MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: FILM NOIR | DISPONÍVEIS PARA O NOIR  
9 e 12 de novembro de 2021

# NIGHT AND THE CITY / 1950

(*Foragidos da Noite*)

um filme de Jules Dassin

**Realização:** Jules Dassin / **Argumento:** Gerald Kersh (história), Jo Eisinger (argumento) / **Director de Fotografia:** Max Greene / **Direcção Artística:** C.P. Norman / **Montagem:** Nick De Maggio, Sidney Stone / **Música:** Benjamin Frankel, Franz Waxman/ Som: Peter Handford, Roger Heman / **Interpretação:** Richard Widmark (Harry Fabian), Gene Tierney (Mary Bristol), Googie Withers (Helen Nosseross), Hugh Marlowe (Adam Dunne), Francis L. Sullivan (Phil Nosseross), Herbert Lom (Kristo), Stanislaus Zbyszko (Gregorius), Mike Mazurki (The Strangler)

**Produção:** Twentieth Century Fox / **Produtor:** Samuel G. Engel, Darryl F. Zanuck (não-creditado) / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 95 minutos / **Estreia mundial:** Reino Unido, Abril de 1950 / **Estreia nacional:** Lisboa, cinema Capitólio, 1 de Janeiro de 1952

---

Já se disse deste filme que é um cruzamento entre Dickens e Chandler. Faz sentido: **Night and the City** tem aspectos clássicos de *film noir* e decorre numa Londres sórdida como raramente a vimos. O realizador Jules Dassin (1911-2008) vinha de uma série de filmes invulgarmente duros e realistas como **Brute Force** (1947) e **The Naked City** (1948), ciclo terminado em 1950 com o mccarthismo e o exílio forçado de Dassin para a Europa, onde dirigiu fitas geralmente esquecíveis. Tendo em conta as convicções comunistas do cineasta, talvez se esperasse que **Night and the City** fosse um filme «político»: mas é mais justo dizer que parece um documentário pessimista sobre pequenos criminosos e suas pequenas ambições.

A memorável cena de abertura mostra Harry Fabian (Richard Widmark, 1914-2008) a fugir afogueadamente pelas ruas de Londres à noite, correndo por praças e becos, «*always running*», com os edifícios ameaçadores recortados na sombra. Fabian é um vigarista que atrai visitantes endinheirados a um bar de má nota. Tem jeito para aquilo, mas as suas ambições são mais altas. Passa a vida em esquemas mirabolantes e fracassados. O seu patrão diz que são «*ilusões de grandeza*», enquanto um conhecido mais caridoso sugere que Fabian é «*um artista sem uma arte*». A última artimanha de Fabian consiste no controlo dos combates de luta greco-romana em Londres. Para isso precisa de um investimento inicial. Pede dinheiro à sua namorada (Gene Tierney), que apenas deseja uma vida pacata. Pede dinheiro ao seu chefe, que não se comove com mais esta ideia maluca. Pede dinheiro a metade daquele submundo que tão bem conhece. E Dassin vai mostrando falsos pedintes, falsários,

contrabandistas. Como tem sido notado, poucos filmes ingleses deram da vida das ruas em Inglaterra um retrato tão cru (embora haja exceções, como **Brighton Rock**, 1947).

É curioso verificar como o eixo central do filme exhibe o seu «realismo» à custa de meios nada realistas. Pensemos nalguns grandes-planos inesperados e nalguns ângulos pouco óbvios, que acentuam a composição deliberada e nada «documental» das cenas de conjunto. Ou nas sombras perpétuas vindas do Expressionismo alemão. Ou ainda no drama «grego», que se centra na figura de Gregorius (Stanislaus Zbyszko), um velho campeão de luta de origem helénica. Se as sombras e a escolha dos planos é de ordem, digamos, gramatical, já a opção pela relação tensa entre pai e filho (um dos «empresários» do meio) torna a narrativa mas arquetípica, incluindo a possível passagem de Harry ao estatuto de «filho adoptivo» do colossal (e condenado) Gregorius.

Dassin (que curiosamente faria parte da sua vida futura na Grécia) não desiste dos aspectos mais obviamente «greco-latinos» da situação, havendo mesmo uma passagem que lembra o **Júlio César** (quando se discute se Harry é ou não «*an honourable man*»). Podemos dizer que **Night and the City** se interessa mais pela «noite» do que pela «cidade». Ou seja: a dado momento o realismo perde em favor do simbolismo. O realismo é desenhado aqui com traços muitas vezes estereotipados (namorada virtuosa versus esposa perversa) ou grotescos (a luta suada e suja de dois homens maduros ou o gordo repugnante e espasmódico cujo nome lembra «rinoceronte»). Mas o filme retrata com lucidez a húbris, essa espécie de febre dos vitoriosos que podem passar a derrotados no minuto seguinte. E aqui entra a extraordinária interpretação de Richard Widmark, angustiado e insolente, confiante e desesperado. Harry gosta de se exhibir como homem do mundo, resistente e eficaz, mas facilmente percebemos que na verdade é um poço de inseguranças, quando não um miúdo (notável a cena em que brinca com um prato de bateria até ouvir uma ameaça que o amedronta). Harry Fabian é um *loser* que se julga um vencedor, ou que se quer convencer disso a todo o custo. Ele não é nenhum «fabiano» (um reformista social), e também não liga nenhuma à esplêndida Gene Tierney: nada o motiva senão fazer finalmente uma «coisa certa» depois de uma vida inteira a fazer «coisas erradas» (no duplo sentido da palavra).

No entanto, a má estrela de Harry não o deixou, e o filme acaba como começou, com ele fugindo desembestado noite dentro, agora através de estaleiros de obras, barracões, casas das máquinas, até à zona desolada do porto de Londres. Depois da ascensão e da queda, Harry Fabian percebe que afinal não saiu do seu pequeno mundo de quimeras e traições. E Dassin não permite que qualquer romantismo suavize o fracasso. Nem a tradicional salvação nos braços da amada é permitida. Nada de *pietàs*, nada de piedade.

Pedro Mexia